
Minho

Crespos e Pousada

Padim da Graça

Merelim (São Paio) Panoias

e Parada de Tibães

Palmeira

José Pedro Santos
Carolina Batista

Diogo Bessa
Eduarda Maia

Francisca Sá
João Costa

Rafael Alves
Sebastião Peixoto

Minho

**Crespos e Pousada
Padim da Graça
Merelim (São Paio) Panoias
e Parada de Tibães
Palmeira**

José Pedro Santos
Carolina Batista

Diogo Bessa
Eduarda Maia

Francisca Sá
João Costa

Rafael Alves
Sebastião Peixoto

Minho



Crespos e Pousada 24-27
Padim da Graça 28-31
Merelim (São Paio) Panoias e
Parada de Tibães . 22-23 32-35
Palmeira 20-21

José Pedro Santos	Diogo Bessa	Francisca Sá	Rafael Alves
Carolina Batista	Eduarda Maia	João Costa	Sebastião Peixoto



Imaginemos que vamos a todas as localidades abrangidas pelo Arte Pública fundação *edp* e que pintamos as paredes de branco, desmontamos as instalações dos espaços, apagamos do mapa as obras de arte criadas nas várias povoações intervencionadas de norte a sul do País. Que efeito teria na vida destas pessoas?

O Arte Pública fundação *edp* é um mapa feito de um conjunto de obras de arte concebidas em espaços públicos de pequenas localidades de diversas regiões do País. Um programa desenhado pela fundação *edp* para proporcionar a comunidades rurais um maior contacto com a arte, provocando, simultaneamente, uma reflexão sobre a sua função na sociedade. Um programa que concilia as duas principais áreas de intervenção da fundação *edp* – inovação social e cultura –, mobilizando artistas e comunidades rurais num diálogo inovador que resulta num roteiro inesperado de arte pública e num motivo de orgulho para todas as partes envolvidas.

Sinais de trânsito transformados em figuras tradicionais como a da mulher de lenço na cabeça? Duas raízes de árvores entrelaçadas, com pernas e braços? Um moinho em cima de um burro? Um homem em cima de um escadote a apanhar estrelas? Obras “bonitas” e “boas para a terra”, como costumam dizer as pessoas destas comunidades, sem se alongarem a extrapolar significados para lá dos significantes que lhes são apresentados. É neste grau zero, é nesta marca de início, que reside a premência do programa Arte Pública fundação *edp*.

O Arte Pública fundação *edp* introduz um contacto concertado por parte das populações com uma ideia contemporânea de cultura visual. Para muitos, o conceito de arte liga-se ainda à noção de artesanato ou a uma ideia de arte-verdade, em que o objeto artístico assume a função de replicação da realidade, numa mimética de embelezamento da mesma, como nos explica o artista plástico Xana, membro do movimento artístico dos anos 80 Homeostética e um dos artistas do projeto Arte Pública fundação *edp* que deixaram a sua marca nas localidades a barlavento e a sotavento do Algarve.

Em cada região, associações e artistas foram desafiados a apresentar propostas de intervenção pública, que iam da pintura à escultura ou à instalação em vídeo e/ou som. Os artistas partiram para o terreno com duas premissas. A primeira foi a de não se colocarem no papel de educador, mas sim de facilitador. O de pôr ferramentas à disposição de modo que as populações pudessem inteirar-se de como funciona todo o processo de criação artística, desde o *brainstorming* à definição de temáticas, ao uso de técnicas, à mão na massa, ao resultado. E a segunda foi a de desmistificar a arte enquanto prática elitista, inacessível. A arte tem, na sua premissa, uma matriz política: a de dar liberdade, a de proporcionar caminho e escolha.

Foram envolvidas as instituições locais para definir quais os espaços públicos disponíveis, a par dos equipamentos da rede da e-redes, empresa parceira da fundação *edp* neste projeto, a serem intervencionados. E, em cada localidade, a população foi convidada a participar em assembleias comunitárias. As pessoas conheceram os artistas e deram a conhecer-se. Expressaram as suas sugestões de temas a serem tratados em obras, contaram as histórias e as tradições da terra, falaram das atividades económicas predominantes e das figuras de relevo.

Aos artistas coube a tarefa de interiorizar as sugestões e integrarem os temas sugeridos no seu trabalho e na sua linha autoral. Foram feitas maquetes das “obras-que-iriam-ser” que foram depois apresentadas à população.



Seguiram-se os dias de trabalho, de feitura das obras. Na comunidade, cresce a curiosidade e a proximidade aos artistas. Precisam de alguma coisa? Água? Algo para comer? Momentos de pausa são passados na pastelaria da rua, no convívio com os locais.

O Arte Pública fundação *edp* é este ponto de encontro no qual se cruzam intencionalidade artística e intencionalidade social. É um programa que promove uma sensação de pertença, que já não se perde, independentemente de a tinta começar a cair, de a chuva vir a desbotar os tons. Neste caso, trata-se de uma sensação de pertença dupla. Este património artístico é das pessoas, da comunidade. Motivo por que são criadas, em cada região, visitas-percurso com guias locais, que são também elas uma forma de elo, de ligação das populações a quem as visita. E fá-las sentir-se não isoladas do mundo, mas parte de uma ideia de contemporaneidade que vive a cultura visual a uma velocidade estonteante. Se por um lado a arte fixa, fixa a identidade de uma povoação, por outro fluidifica-se, permite-se novos usos e abordagens.

Minho

Braga
Crespos e Pousada
Padim da Graça
Merelim (São Paio)
Panoias e
Parada de Tibães
Palmeira

Trás-os-Montes

Alfândega da Fé
Torre de Moncorvo
Miranda do Douro
Mogadouro

Ribatejo

Rio Maior
Vila da Marmeleira
Assentiz
São João da Ribeira
Ribeira de São João

Alto Alentejo

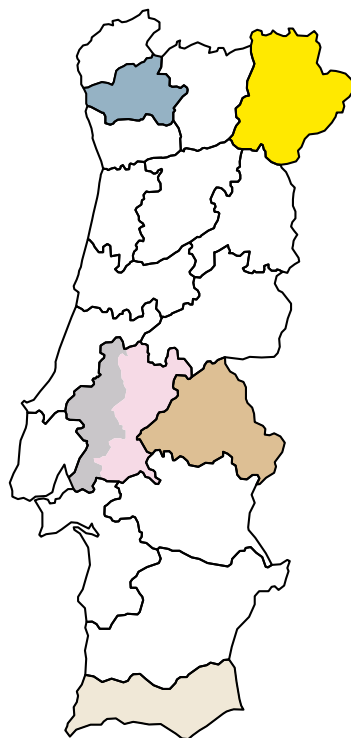
Campo Maior
Degolados
Ouguela

Médio Tejo

Vila Nova da Barquinha
Atalaia
Praia do Ribatejo
Tancos

Algarve

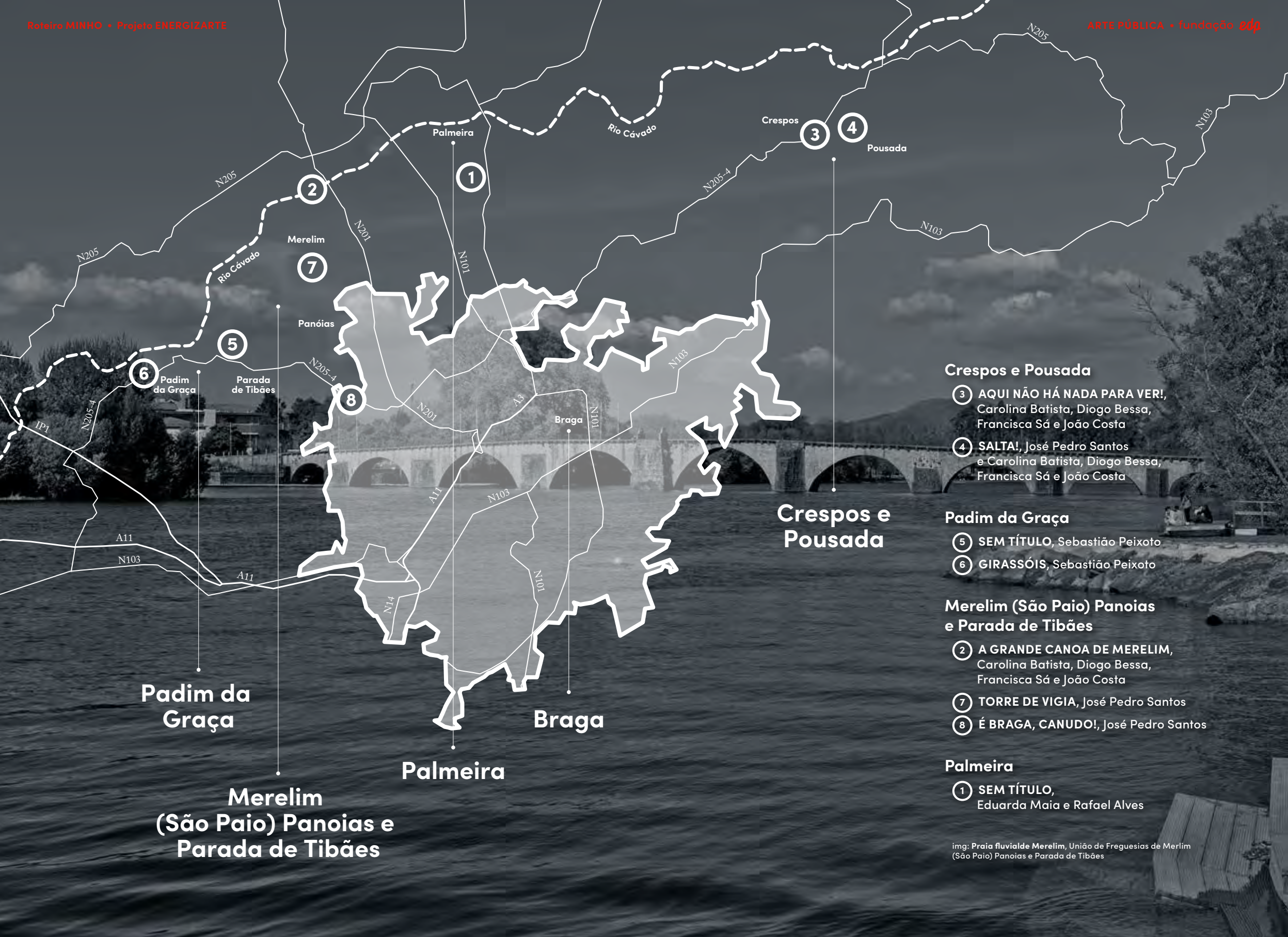
Vila do Bispo
Barão de São João
Mexilhoeira Grande
Figueira
S. Bartolomeu de Messines
Alte
Alportel



P 9: *Salta!* (execução), J. P. Santos e C. Baptista, D. Beaso, F. Sá e J. Costa com Alunos da Escola Básica de Crespos, Crespos e Pousada, 2019. — PP 10 e 11: *Girassóis* (execução), Sebastião Peixoto, Padim da Graça, 2019.







Padim da Graça

Merelim (São Paio) Panoias e Parada de Tibães

Palmeira

Braga

Crespos e Pousada

Crespos e Pousada

- ③ **AQUI NÃO HÁ NADA PARA VER!**, Carolina Batista, Diogo Bessa, Francisca Sá e João Costa
- ④ **SALTA!**, José Pedro Santos e Carolina Batista, Diogo Bessa, Francisca Sá e João Costa

Padim da Graça

- ⑤ **SEM TÍTULO**, Sebastião Peixoto
- ⑥ **GIRASSÓIS**, Sebastião Peixoto

Merelim (São Paio) Panoias e Parada de Tibães

- ② **A GRANDE CANOA DE MERELIM**, Carolina Batista, Diogo Bessa, Francisca Sá e João Costa
- ⑦ **TORRE DE VIGIA**, José Pedro Santos
- ⑧ **É BRAGA, CANUDO!**, José Pedro Santos

Palmeira

- ① **SEM TÍTULO**, Eduarda Maia e Rafael Alves

Minho

Energizarte

Parceiro:

Câmara Municipal
de Braga

Facebook:

facebook.com/
municipiodebraga

À chegada, vindos da estação de comboios em direção ao centro da cidade, o primeiro impacto é o da quantidade de estabelecimentos de venda de estatuária religiosa que há nas ruas. A própria artéria pedonal de lojas e restaurantes que se vislumbra a seguir ao Arco da Porta Nova, a Rua Dom Diogo de Sousa, impõe-se ao visitante como a viga vertical de uma grande cruz. Não é por acaso. Braga é uma arquidiocese mais antiga do que a fundação de Portugal. Muito da cidade respira catolicismo – as lojas, os monumentos, as muitas igrejas e capelas e até a forma como o espaço público impõe uma certa solenidade às pessoas que nele



circulam. A Sé de Braga, à direita de quem sobe, é o ex-líbris da cidade, um complexo arquitetónico que foi ganhando diversas camadas ao longo dos séculos. Braga é também conhecida por ser um expoente do estilo Barroco.



Para fazer a ponte entre a ancestralidade e a contemporaneidade, a tradição e a vanguarda, em 2021, Braga foi Capital da Cultura do Eixo Atlântico e assinala o seu carácter bimilenar – *Bracara Romana* foi fundada por volta de 16 a.C. pelo imperador César Augusto – através do *Braga em Obras* (ed. zet gallery e dstgroup, 2021), um projeto que reúne em livro imagens e textos de obras de arte feitas no e para o espaço público bracarense. Na introdução que faz ao livro, a curadora do projeto, Helena Mendes Pereira, explica a importância



Girassóis (execução, Sebastião Peixoto, Padim da Graça, 2019).

de *Movimento Perpétuo* (2000), obra comemorativa do Bimilenário da Cidade de Braga, encomendada ao artista plástico Pedro Cabrita Reis, e que se situa na Colina da Cividade. Três imponentes arcos de volta perfeita, característica da arquitetura romana, apresentam-se aqui imperfeitos, o primeiro com um corte na curva descendente do arco e o terceiro sem coluna de suporte. Aqui, a imperfeição acrescenta camadas de significado ao empedrado, conferindo-lhe movimento, fluxo, futuro. “A escolha inicial deste livro cumpre, assim, um duplo objetivo: reforçar o espetro temporal que é a História de Braga, evidenciando a sua antiguidade e importância, e, por outro lado, afirmar que este é um território onde a vanguarda e o contemporâneo também são marca”, escreve Helena Mendes Pereira.



Girassóis (execução, Sebastião Peixoto, Padim da Graça, 2019).

Salfat (execução), J. P. Santos e C. Batista, D. Bessa, F. Sá e J. Costa com Alunos da Escola Básica de Crespos, Básico de Crespos, Crespos e Pousada, 2019.



Torre de Váia (execução), José Pedro Santos, São Paulo de Merelim, 2020.

Se o livro começa com *Cabrira Reis*, acaba com o *Energizarte – Arte Pública*, projeto da fundação edp. O *Energizarte* “trouxe às margens do rio Cávado diversas intervenções, enquadráveis na arte urbana”, pode ler-se. “O propósito dos artistas foi criar uma imagem que fosse facilmente identificável pela comunidade local.” Até porque a ideia para cada obra surge dos debates que se geraram nas assembleias promovidas junto da população.

“Mais do que vermos agora o resultado final, foi todo o processo que nos levou a estes territórios”, para lá do centro urbano da cidade, refere Lídia Dias, vereadora da Educação e Cultura da Câmara Municipal de Braga. “Este é um tipo de arte que está muito mais visível nos centros urbanos ou até em espaços com características específicas, como os parques de desportos radicais.” A opção de intervir em lugares menos

povoados traduz-se num impacto específico junto dessas populações, diferente do das comunidades urbanas, porque estão menos habituadas a este tipo de arte e por isso mais permeáveis ao espanto, suscitado por um projeto como este. “Foi isso que sentimos quando fomos apresentando o projeto nestas diferentes freguesias. Além da parte positiva – a apresentação às juntas de freguesia do próprio processo e de estas terem ficado surpreendidas por poderem fazer parte destas intervenções –, assinalo as ramificações que



daqui se foram criando, ao chamarmos as comunidades e algumas associações, que estiveram depois com os artistas, dando-lhes a conhecer um pouco melhor os espaços nos quais iriam intervir. Mais do que o resultado final, todo o processo de chegada, de assentar arraiais, de acompanhamento por parte das pessoas, de elas próprias descobrirem os artistas e a sua obra, foi muito enriquecedor. Este foi, sem dúvida, um projeto de oportunidade para o território”, acrescenta.

“Tirando a parte de termos tido de lidar com a pandemia, que fez com que o processo se arrastasse no tempo, gostei da experiência”, explica José Pedro Santos, autor de duas das oito obras e de uma terceira em coautoria com quatro alunos de mestrado do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave. José Pedro Santos assinala: “Gostei também do facto de se ter tentado incluir neste roteiro obras que não fossem apenas pintura. Neste caso, a instalação, que é o que me diz mais respeito, enquanto arquiteto. Achei muito interessante essa abertura.”



“Durante os processos de criação, o que mais nos surpreendeu foi a possibilidade de o artista estar interessado em ouvir as pessoas locais. E estas verem depois as suas próprias histórias valorizadas através do objeto artístico que os artistas desenvolveram. As pessoas reconhecem-se naquela intervenção

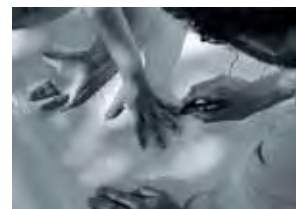




Safer (execução), J. P. Santos e C. Barista, D. Bessa, F. Sá e J. Costa com Alunos da Escola Básica de Crespos, Crespos e Pousada, 2019.

artística”, explica ainda Lúcia Dias.

Lúcia Dias ressalva também a importância pedagógica do programa Arte Pública. “Do ponto de vista educativo, o projeto foi muito importante”, diz, considerando que as pessoas não estão muito habituadas a ver arte representada em paredes, em postos de transformação de energia. A ideia de locais ou suportes ditos nobres da arte foi aqui desconstruída. “As pessoas



perceberam que, das suas histórias, das conversas que acabaram por ter ou até das próprias explicações que os artistas foram dando, havia reciprocidade. Estou a lembrar-me da obra *Torre de Vigia*. Antigamente, aquele era um local estratégico, pois de onde se está consegue ver-se todo o território – e isso faz parte do imaginário das pessoas.” E explica: “O ribeiro tem um conjunto de descargas associadas, no fundo é um problema

político. E do posto de transformação nasce um óculo, uma vigia. Houve a visão do artista [José Pedro Santos] em criar uma relação de escuta dos problemas, das inquietações, da população. A arte serve também para questionar.”



Adolescências (execução), Carlos Vicente com alunos da Escola D. Maria II, Vila Nova da Barquinha, 2019.

José Pedro Santos (1981)

Natural de Braga. Licenciado em Arquitetura pela Universidade do Minho em 2006. Desde então tem desenvolvido a sua atividade no Porto. Entre as obras mais recentes constam hotéis e edifícios de habitação. Desde 2015 fez uma incursão pela arte urbana, em que se destaca a instalação *AZULagir* na fachada do Via Catarina Shopping (em coautoria com Alberto Vieira).

Diogo Bessa (1992)

É natural da ilha Terceira, Açores, e licenciado em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes do Porto (2014). Encontrava-se em 2021 a finalizar o mestrado de Ilustração e Animação em Barcelos (IPCA). Entretanto, tem desenvolvido trabalhos na área do design, ilustração e animação, em que se inclui intervenções em paredes e murais.

Carolina Batista (1996)

Natural de Aveiro, é mestre em Ilustração e Animação pelo Instituto Politécnico do Cávado e do Ave e licenciada em Comunicação e Design Multimédia pela Escola Superior de Educação de Coimbra. Prestou assistência em projetos de animação 2D e 3D na AIM Creative Studios e colaborou com ilustrações para o projeto *Be Watt Adventure*, do Physis Studio. Encontra-se a realizar a sua primeira curta-metragem, *A Última Meia*.

Eduarda Maia (1998)

Natural de Braga, tem 21 anos e é estudante na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, no curso de Pintura. Além da obra do Energizarte – Arte Pública, realizou igualmente uma intervenção na parede do parque de campismo de Braga e outra na escola básica da Sé.

Francisca Sá (1992)

Freelancer nos tempos livres, estava a terminar o mestrado em Ilustração e Animação no Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, em Barcelos, em 2021. É licenciada em Artes Multimédia na ESAD no Porto, onde reside atualmente. Diz ser apaixonada por histórias e diferentes maneiras de as contar.

João Costa (1990)

Natural de Paredes, uma pequena cidade do Norte de Portugal, é licenciado em Multimédia pela FBAUP e mestre em Ilustração e Animação pelo IPCA. O seu trabalho foca-se no desenho, ilustração e técnicas de animação 2D. “Gosto tanto das segundas-feiras que lhes dedico um desenho todas as semanas.”

Rafael Alves (1998)

Natural de Braga, é estudante na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, no curso de Pintura. Para além da obra do Energizarte – Arte Pública, realizou igualmente uma intervenção na parede do parque de campismo de Braga e outra na Escola Básica da Sé. Interveio também no Arco da Porta Nova em 2017.

Sebastião Peixoto (1972)

Natural de Braga, é licenciado em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Trabalha como ilustrador *freelancer*, colaborando com várias editoras nacionais e estrangeiras. Já publicou trabalhos em fanzines, revistas e jornais e participa regularmente em exposições coletivas de pintura e ilustração em Portugal e no estrangeiro.

①

Sem Título

Autoria:

Eduarda Maia e
Rafael Alves



As duas assembleias decorreram no Centro Cívico de Palmeira, que integra as instalações da junta de freguesia, uma sala de teatro com companhia residente (Nova Comédia Bracarense), aulas de ginástica e dança e também um espaço expositivo. Na primeira delas, em abril de 2019, os participantes sugeriram tradições, folclore, pessoas de relevo para a terra, mas a dupla de artistas Eduarda Maia e Rafael Alves decidiu optar pela ilustração de flora e fauna existente na terra – um tema, de certa forma, mais conciliador. Até porque os artistas moram perto do posto de transformação (PT) da E-Redes sobre o qual decorreu a intervenção do projeto EnergizarTE – Arte Pública de que são autores.

“São plantas vulgares, plantas que nascem à beira-rio”, conta Rafael Alves. “É vegetação rasteira, as flores são todas campestres. E depois está também representada toda a bicharada que nelas habita, nomeadamente os gafanhotos, as abelhas.” Tiraram fotografias à flora existente junto ao rio, seguiu-se o desenho de algumas espécies da mesma e respetiva composição – uma planta tirada de uma foto, outra de outra. Rafael e Eduarda não usaram projetor para projetar o desenho nas duas paredes intervençionáveis do PT. Desenharam-no à escala. “Depois, fomos para o local e, mais ou menos a olho, projetámos nas paredes o que tínhamos em papel”, explica Rafael Alves. “Como os desenhos retratam algo orgânico, seguimo-nos um bocado pela intuição. «Se calhar precisa de preencher aqui mais um bocado», «ou aqui mais um pedaço»... Foi mais assim.” Rafael Alves define o processo de trabalho como tendo tido uma vertente mais didática: desenhavam um bocado na parede, saíam do andaime, distanciavam-se da parede para olhá-la de longe, viam o que necessitava de afinação e voltavam a subir ao andaime para fazer a devida adaptação.

Quanto às cores das flores, andam pelos verdes, azuis e roxos.

No meio, destaca-se uma flor amarela, solitária. “Há umas tonalidades que surgem, principalmente na primavera, que criam uns arroxeados. Claro que na obra há uma acentuação dessa cor.”

A intenção foi pegar também na ideia de sistema, um microssistema que foi aqui ampliado, tornado mais visível. “Transpusemos um ecossistema para uma dimensão maior”, refere Rafael. Os trabalhos no PT decorreram em finais de agosto, inícios de setembro. “Estava um calor enorme, houve gente que nos trouxe limonada, lanche... uns bolinhos para comer. Outros estavam a dar à treta.” “Dar à treta” significa fazer conversa de circunstância, passar o tempo. “Às vezes vinham as avós com os netos e ficavam a olhar”, conta.

Palmeira é uma das maiores freguesias do concelho de Braga, tem cerca de 7000 habitantes, e passou, nas últimas décadas, de uma comunidade essencialmente agrícola a parque industrial, que alberga vários tipos de negócios e empresas, muitas de construção. Rafael, que mora perto da obra que realizou, partilha: “É engraçado porque, às vezes quando passo por lá, nem conto olhar, mas dou por mim a olhar para a obra e a reviver os momentos que passámos ali. E é bom ver que continua intacto.”

FREGUESIA:
PALMEIRA

Localização:
Rua Paço de Palmeira

GPS:
Latitude 41.596354
Longitude -8.433012



Sem Título, Eduarda Maia e Rafael Alves, Palmeira, 2019.

Passo lá todos os dias, paro até junto ao cruzamento para ficar a olhar. De vez em quando até tiro uma fotografia com o telemóvel.

César Gomes, presidente da Junta de Freguesia de Palmeira.

2

A Grande Canoa de Merelim

Autoria:

Carolina Batista,
Diogo Bessa, Francisca
Sá e João Costa

“As assembleias comunitárias tinham que ver com histórias ou aspetos culturais da zona que as pessoas gostassem de ver incorporadas nas obras”, refere Diogo Bessa, um dos quatro alunos de mestrado do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave que integraram o Energizarte – Arte Pública. “Nós também já tínhamos feito uma pesquisa nesse sentido. Até porque as pessoas inicialmente diziam «aquí não há nada de especial». Com a nossa pesquisa, apercebemo-nos de que havia a história dos tambores, um festival de música, as atividades ao ar livre – bicicleta, piqueniques, canoagem. Fomos partilhando com elas, elas iam dizendo «sim, sim», que eram histórias importantes.”

Há uma narrativa que abarca todas as outras. Uma canoa gigante tem lá dentro representadas todas as outras histórias, como passageiros cúmplices de uma grande

viagem. “Escolhemos a canoa gigante em alusão ao título que a população local tem de ‘campeões de canoagem’”, explica Carolina Batista. O campeão olímpico de canoagem Emanuel Silva chegou a treinar pelo Clube Fluvial de Merelim. “E depois fizemos a canoa transportar todos os temas que são referentes à história da zona, que os locais prezam muito”, como é o caso do grupo de escuteiros ou do grupo dos bombos.”



“O que há, na zona, para fazer? Existem ciclistas, banhistas, uma área de voleibol no parque, os bombos júnior e sénior, o acordeão”, complementa Diogo Bessa. A região é muito ligada à música tradicional, folclórica. Há também o Festival Contracorrente, ligado ao rock, que acontece na praia fluvial de Merelim no início de agosto. E os bombos são alusivos às Festas de São Roque.

A coexistência do dualismo cristão e pagão é um elemento muito presente nas narrativas locais e, à semelhança da obra *Aqui Não Há Nada Para Ver!* do Energizarte – Arte Pública, encontra-se também representada

neste trabalho. Se na canoa os artistas representaram uma santa, desenharam igualmente um mágico. Existe ainda uma figura em cima de um ovo grande, pelo facto de na noite do Domingo de Páscoa haver a tradição de se ir comer um ovo cozido na ponte do Prado.

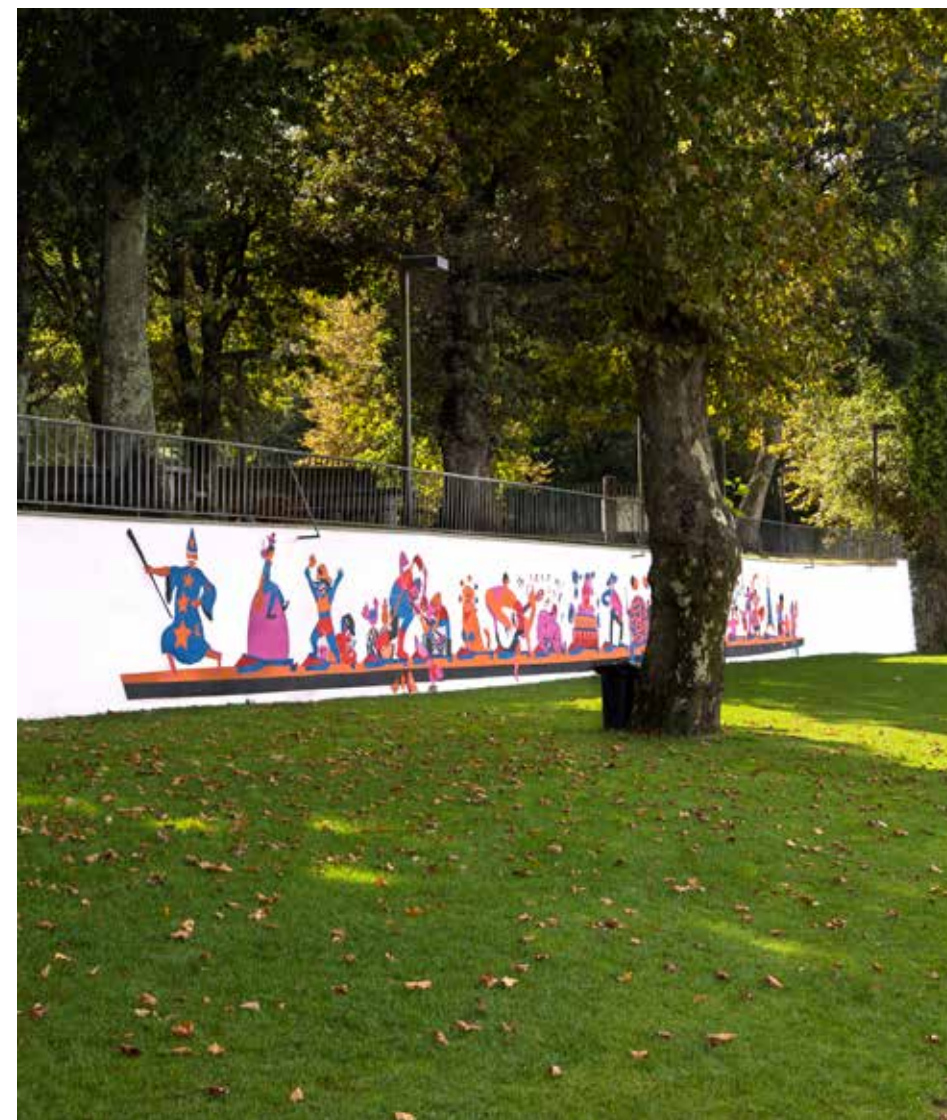
“A personagem mais popular da canoa, pelo menos para os miúdos, é o cãozinho. Está lá só por isso mesmo, por ser um cãozinho”, explicita Diogo Bessa. Outra das histórias representada é a da disputa de agricultores vizinhos. “As pessoas disseram-nos que antigamente havia muita rivalidade entre agricultores e as suas quintas. Estavam sempre em disputa, em guerra, a ver quem tinha maior acesso ao rio e desviavam o curso da água para os próprios terrenos. Contaram-nos histórias mesmo de agressões”, relata Carolina Batista. “Tentei representar esta narrativa com uma disputa de agricultores, com duas galinhas dentro de água e duas fora. Um agricultor tem uma posição mais poderosa do que outro. Um cultivava melões, o outro melancias.”



FREGUESIA:
MERELIM (SÃO PAIO)
PANOIAS E PARADA
DE TIBÃES

Localização:
Praia fluvial de Merelim
Rua João Dias Soares

GPS:
Latitude 41.593774
Longitude -8.465530



A cor, a vida e a arte fazem sempre falta. As pessoas gostam de tirar fotografias. Estão sempre a tirar. Eu gosto deste tipo de arte.

Ana Coelho Ferreira, nadadora-salvadora, 21 anos.

A Grande Canoa de Merelim, Carolina Batista, Diogo Bessa, Francisca Sá e João Costa, São Paio de Merelim, 2020.

3

Aqui não há nada para ver!

Autoria:

Carolina Batista,
Diogo Bessa, Francisca
Sá e João Costa

“Este projeto foi bom para descentralizar. E é engraçado porque acho que a imagem mais bonita desta obra é a que está virada para a parte de trás, porque é muito representativa daquilo que foram as ideias dadas”, começa por contextualizar Marisa Machado, do Agrupamento de Escuteiros 1005 de Crespos, que participou das primeiras assembleias em Pousada, uma espécie de *brainstorming* para dar ideias aos artistas.

Também os populares participaram com sugestões de histórias. “Havia uma peregrinação na zona. Havia muitas histórias ligadas ao Cavadinho [praia fluvial] – histórias de nudismo e de como a população se ia banhar a partir das seis da tarde; era considerada uma forma de purificar a alma”, conta Diogo Bessa, um dos autores da obra feita no posto de transformação (PT) da E-Redes de Crespos, juntamente com

Carolina Batista, Francisca Sá e João Costa, alunos de mestrado do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave. “Havia também uma história engraçada: os miúdos, para provarem que já sabiam nadar, iam ao fundo do Cavadinho buscar um punhado de areia”, acrescenta Diogo Bessa.

“Tentámos escolher as ideias pela sua relevância. Vimos a quantidade de pessoas que estavam mais interessadas em contar uma história ou retratar um determinado assunto. Pegámos nas narrativas com que mais gente se iria identificar”, complementa Carolina Batista. Cada artista desenhou uma parede do PT e em cada uma dessas faces está representada uma história. “Começa com o peregrino, que está à frente, e depois as laterais têm uns detalhes um bocadinho sórdidos, uma forma descomplexada de se lidar com a questão da cultura cristã e da pagã”, complementa Diogo Bessa.



Este PT fica situado no sopé de uma pequena encosta, sopé esse um pouco elevado da estrada. Atrás, há vegetação selvagem e

o acesso aparenta não ser fácil. Mas o facto de haver desenhos nas três faces visíveis deste posto de transformação suscita no espetador a interrogação de a quarta parede poder estar, ou não, pintada. Trata-se de uma curiosidade que levará alguns a querer tirar a dúvida e a aceder à parte traseira do edifício. E esse ímpeto não sairá defraudado. Mesmo estando escondida, esta parede foi também pintada. Se na face oposta, a que vemos de frente, está desenhado um peregrino, estilizado, na traseira estão representados os objetos das peregrinações – dois santos. Os dois santos são o Santo Amaro e o S. Bento da Porta Aberta.

Conhecido como o “santo dos ossos”, o Dia de Santo Amaro é celebrado a 15 de janeiro e todos os anos, nesse dia, na igreja do Vimieiro, centenas de pessoas cumprem a tradição de depositar moldes de membros do corpo humano, feitos em cera, para pedir ao santo que afaste as doenças ligadas a ossos. Já a romaria ao santuário de S. Bento da Porta Aberta, o segundo maior do país, a seguir a Fátima, é outro dos locais de peregrinação – dos bracarense e não só. Situado em Terras do Bouro, o santuário foi elevado a basílica pelo Papa Francisco em 2015 a propósito da comemoração dos seus 400 anos de existência.

FREGUESIA:
CRESPOS E
POUSADA

Localização:
Avenida Principal,
Pousada

GPS:
Latitude 41.603671
Longitude -8.353100



Aqui não há nada para ver!, Carolina Batista, Diogo Bessa, Francisca Sá e João Costa, Crespos e Pousada, 2019.

O impacto mais importante na população foi a intervenção no posto de transformação, porque está inserido num local de passagem – e era até considerado um local feio da freguesia. Esta intervenção deu mais vida àquele espaço.

José João Correia, presidente da Junta de Freguesia de Crespos.

4

Salta!

Autoria:

José Pedro Santos
e Carolina Batista,
Diogo Bessa, Francisca
Sá e João Costa

“Foi o caso em que melhor resultou o envolvimento da comunidade”, diz José Pedro Santos, que, em conjunto com os estudantes de mestrado do Instituto Politécnico do Cávado Diogo Bessa, Carolina Batista, Francisca Sá e João Costa e com as crianças que se encontravam a frequentar o 1º ciclo da escola de ensino básico de Crespos, concebeu a intervenção nas paredes da escola.

“Foi uma assembleia muito concorrida em histórias e ideias”, conta José Pedro Santos. “Não havendo ali nenhuma história associada à escola, decidimos – e uma vez que era uma obra dentro da escola – incluir a própria escola na produção da obra. Isso foi feito de maneira que os alunos sentissem o projeto como sendo também deles.” No pátio traseiro deste estabelecimento de ensino, com uma vista privilegiada sobre montes a perderem-se ao longe, ainda existem as marcas dessa participação: restos de tinta que a assistente operacional da escola, a muito simpática Lurdes Fernandes, diz não

ter conseguido limpar melhor. São pequenas riscas vermelhas, verdes, azuis, amarelas, que restaram da pintura dos sinais de trânsito que assim ficaram transformados em balões.

“Estendemos uma espécie de papel de cenário enorme no recreio da escola e pedimos aos alunos que quisessem para se deitarem em cima do papel e fazerem várias poses. Desenhámos o contorno e ficámos assim com imagens de crianças em várias posições”, descreve Diogo Bessa. “Tentámos desenvolver uma obra que evidenciasse a utilidade da escola para as crianças.



Decidimos pôr as crianças nessas posições dinâmicas, a saltar, como se fossem a levitar em direção aos balões, para tentar agarrá-los”, complementa Carolina Batista.

A associação é imediata ao filme, belíssimo, de 1956, chamado *O Balão Vermelho*, da autoria do francês Albert Lamorisse. À semelhança de *Salta!*, nesta curta-metragem há um menino que é inseparável do seu balão vermelho, mesmo quando vai para a escola. Até que um dia uns miúdos lhe rompem o balão e todos os balões da cidade de

Paris decidem unir-se para compensar a tristeza do miúdo e o levam pelos ares da cidade.

“A ideia foi fazer com que os alunos fossem o mote da obra. A sua participação aconteceu em dois momentos: a obra tem pintura – acabámos por desenhá-las as silhuetas dos alunos, que serviram assim de modelos; e, num segundo momento, e também numa lógica de reutilização de materiais existentes, usámos uns sinais de trânsito que estavam guardados num estaleiro da câmara, sinais esses que foram pintados, simulando balões, coloridos. Também eles foram pintados pelos alunos.” Em termos conceptuais, esta participação traduziu-se na ideia de que a escola permite aos alunos libertarem-se, irem à descoberta de novos mundos. “Através das ferramentas que eles adquirem na escola, possuem essa liberdade quase que idêntica a ser amarrado e ser levado no ar, por um balão”, extrapola José Pedro Santos. “No fundo, a obra simula esta liberdade que os alunos têm de pensamento, de escolha, depois de adquirir o conhecimento que na escola lhes é transmitido.” A escola eleva os alunos.



FREGUESIA:
CRESPOS E
POUSADA

Localização:
Rua de Santo Amaro 19
Lugar da Boavista,
Crespos

GPS:
Latitude 41.603435
Longitude -8.356565



É bonito. Muito lindo! Tem bonequinhos e balões!

Matilde, 7 anos, Núria, 8, Eva, 6, Giuseppe, 6, Ivo, 8, Matilde de Jesus, 8, Yara, 7, e Leonor, 7, alunos da escola.

Salta!, J. P. Santos e C. Batista, D. Bessa, F. Sá e J. Costa com Alunos da Escola Básica de Crespos, Crespos e Pousada, 2019.

5

Sem Título

Autoria:
Sebastião Peixoto

“Em Padim, as pessoas que apareceram tinham mesmo gosto pela zona, pela freguesia”, começa por dizer Sebastião Peixoto, acerca das assembleias organizadas em Padim da Graça, onde fez as suas duas obras do Energizarte – Arte Pública, esta e a *Girassóis*. “Deram-me muitas ideias, falaram da história, das festas, de coisas relevantes que se passavam e passam no território. Foi bastante produtivo.” Sebastião Peixoto acrescenta que as pessoas são mais recetivas à arte figurativa, ao realismo, quando os artistas lhes apresentam depois, já trabalhadas, as ideias que tinham dado.

“É o gosto predominante, os critérios de avaliação das pessoas são geralmente o realismo. É a referência que têm, não se pode pedir outra coisa”, explica Sebastião Peixoto. “Mas eu tentei mesmo evitar isso – não o realismo, que eu até desenho o figurativo. Tentei não desenhar a cara de alguém ou uma personagem em concreto.

Fugi a isso.” As reações foram positivas, diz. Sebastião Peixoto acrescenta que refletiu sobre o facto de haver por parte das pessoas a necessidade de uma arte não só figurativa, cujos objetos identifiquem, como positiva, na sequência dos rifões que dizem que para triste já basta a vida. “Eu tenho uma visão um bocado sombria. Mas é a que eu tenho”, refere. “Aliás, sempre achei essa cisão do positivo e do negativo um bocado redutora. Eu acho que as coisas negativas são positivas, também”, pelo que podem fomentar ou propiciar em termos de início de novos ciclos, como o mito da fénix. “As pessoas têm de aprender a viver com tudo. Não podemos obrigar-nos a ser sempre felizes.”



O traço autoral de Sebastião Peixoto vem bem resumido na folha de sala que João Paulo Cotrim, editor da chancela *Abysmo*, escreveu, a propósito da exposição do artista na Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, em 2020, na qual reuniu um conjunto de trabalhos

realizados nos últimos dez anos, em livros, revistas, jornais e fanzines: “Sebastião Peixoto vem construindo um jardim com feridas e flora, entrecendo elementos do imaginário vitoriano com as correntes do *underground*, do *pop* com o surrealismo, da tradição do retrato com animação de pendor *disneyano*, da mesma maneira com que mistura formas da natureza entre si, da natureza com o humano.”

Neste posto de transformação da E-Redes, Sebastião Peixoto desenhou a história da travessia do Cávado, que neste local foi durante muitos anos o mais importante ponto de passagem de uma margem para a outra. Uma espécie de sagitário, mas feito de pernas humanas e torso em forma de sino, com os membros inferiores agigantados, esta figura atravessa um curso de água inócuo e caminha com pressa. Da boca sai-lhe até fumo. E os atacadores dos sapatos, vermelhos, parecem novelos de lã cujos fios se desenrolaram, dando a sensação de acrescentarem vários afluentes de sangue pela paisagem.



FREGUESIA:
PADIM DA
GRAÇA

Localização:
Rua das Cangostas

GPS:
Latitude 41.567809
Longitude -8.486135



[Esta intervenção] não é indiferente, tem a sua lógica, para os novos... Antigamente, não havia nada disto. Agora, é outra coisa.

Laura Ribeiro da Silva, reformada, 81 anos.

6

Girassóis

Autoria:
Sebastião Peixoto



Foi pelas assembleias com os locais promovidas em Padim da Graça que Sebastião Peixoto ficou a saber que, no livro *Viagem a Portugal*, de José Saramago, há uma passagem que se refere ao local onde se encontra o posto de transformação da E-Redes, no qual viria a fazer a sua intervenção artística. Entre outubro de 1979 e julho de 1980, o futuro Nobel da Literatura percorria Portugal de norte a sul, a convite do Círculo de Leitores, que queria assinalar o seu décimo aniversário no país. Um misto de crónica, narrativa e ensaio, de que saiu o famoso aforismo “o fim de uma viagem é apenas o começo de outra”, o livro fala de Tone Manta e da irmã Teresa, que viviam em Padim da Graça, em miséria extrema. “É uma casa comum, de porta e janela, parede da frente baixa, alta a de trás, telhado tosco de duas

águas. Grandes placas de reboco desapareceram, a pedra está à vista. À janela há um homem de barba crescida, chapéu velho e sujo na cabeça, e os olhos mais tristes que pode haver no mundo. Foram estes olhos que fizeram parar o viajante.”

“Foi uma pessoa na assembleia comunitária quem me disse, eu não fazia ideia. E pensei «ótimo, nem procuro mais nada». Baseei-me no excerto do livro e num trabalho que já tinha feito com girassóis.

Achei que se adaptaria perfeitamente ali”, conta Sebastião Peixoto. “O texto falava sobre uma personagem que tinha o ar mais infeliz do mundo e lembrei-me dos girassóis a morrer, no fim do ciclo da vida.” O artista optou pela imagem essencialmente a preto e branco, usando também o rosa-velho. “Basicamente, é uma ilustração que já tinha. Foi mais uma questão de experimentar em outras dimensões e experimentar pintar. O meu trabalho é praticamente todo feito digitalmente. Esta foi uma grande oportunidade para sair do computador.” A transposição do ecrã do computador para a parede foi feita através da projeção, ao final da tarde. “Não foi fácil, porque o terreno era algo acidentado.” Desenhou os contornos a lápis e, depois, escolheu as cores e pintou. Estão três

paredes do PT pintadas. Durante o processo de pintura, uma vizinha fornecia a água para os pincéis e afins.

Um girassol, o que tem o caule maior, nasce na base de uma das paredes, mas prolonga a cabeça para uma outra face do PT, de modo a fazer companhia a um outro girassol, mais derrotado, com os olhos já fechados. O girassol maior, boca em formato de *emoji* triste, olha de lado – um olhar que não é desconfiado nem triste; ou é as duas coisas. As folhas das plantas são pretas e algumas nuvens brancas pincelam o céu cinzento.

Em *Viagem a Portugal*, Saramago prossegue: “Não há mais fáceis filosofias que estas, e de nenhum risco: comparar os esplendores da natureza, mormente passeando o viajante no Minho, e a miséria a que podem chegar homens, ficando nela a vida inteira e nela morrendo”, descreve Saramago. “Ainda bem que não é Primavera. Assim o viajante achará maneira de entreter-se encontrando analogias entre a melancolia em que vai cair e o cair das folhas que se acumulam na beira da estrada.”



FREGUESIA:
PADIM DA
GRAÇA

Localização:
Rua de Espinde

GPS:
Latitude 41.564465
Longitude -8.501415



Tivemos duas assembleias, sempre com a intenção de o artista ouvir as pessoas. E, de facto, chegou-se à feliz obra que aqui está.

João Moreira, presidente da Junta de Freguesia de Padim da Graça.

7

Torre de Vigia

Autoria:
José Pedro Santos



Usar materiais que já existem, reciclar. Havia nos estaleiros da Câmara Municipal de Braga uma grande quantidade de tubos de canalização em PVC e foi esta a matéria-prima que José Pedro Santos utilizou nas obras que produziu para o projeto Energizarte – Arte Pública. “Em termos de instalações artísticas no espaço público fiz uma anteriormente, no Via Catarina Shopping, em parceria com um escultor de Braga, o Alberto Vieira”, refere o arquiteto e artista plástico. “Nessa obra [intitulada *AZULagiri*], usámos também elementos de plástico; no caso, funis de plástico coloridos.” O trabalho, que durante 2015 fazia as vezes de uma platibanda a encimar o edifício deste centro comercial situado numa das artérias pedonais mais movimentadas da cidade do Porto, era uma representação de 66

azulejos compostos a partir do encaixe de inúmeros funis coloridos.

São dois os elementos que José Pedro Santos transpõe para as obras da sua autoria no projeto Energizarte: não só os materiais de plástico como também as formas geométricas. Aqui, em Merelim (São Paio), as formas geométricas dos tubos de PVC que sobressaem das paredes do posto de transformação (PT) da E-Redes, pela sua perpendicularidade, ganham novas cargas semióticas e suscitam leituras como as de monóculos – que permitem olhar para longe.

“Neste caso [e ao contrário dos funis], estes tubos não tinham cor. Dei-lhes eu a cor”, explica José Pedro Santos. “Há aqui quase que uma reutilização do plástico como um elemento plástico – passe o pleonismo –, no sentido de plasticidade do material. Há razões que o explicam. É suposto estas obras funcionarem enquanto estruturas provisórias, mas têm características que lhes permitem durabilidade no tempo.” É essa a essência, antitética, do plástico: se por um lado está ligado à ideia de descartável, por outro, é de muito difícil erosão. “O plástico está associado a durabilidade e baixo peso, o que permite estruturas que outros materiais não permitem. Houve essa preocupação de ser uma coisa leve, durável, de baixo custo.” E acrescenta:

“Há essa matriz do trabalho que é fazer coisas com poucos recursos, mas com os máximos proveitos”, uma matriz que se tem vindo a acentuar nos novos contextos sociais e económicos, próprios do século XXI.

Nas paredes do PT, foram desenhadas bolas pretas a simular um orifício, uma janela; é de lá que saem os monóculos: um verde, outro azul, outro amarelo-mostarda. Os muitos cabos de alta tensão que circundam o PT acrescentam carga narrativa à obra, *site specific*, como se fossem elementos que prolongam a obra pela paisagem, à semelhança das linhas que suscitam o fora de campo e o infinito nas fotografias da artista plástica Helena Almeida. Situado numa das quinas do cruzamento entre duas ruas, a obra encontra-se num local de fronteira entre duas freguesias e lança um olhar à ETAR que existe ali perto e que atingiu já o seu limite. Ironia propositada, os monóculos são feitos precisamente de material de condutas de saneamento.



FREGUESIA:
MERELIM (SÃO PAIO)
PANOIAS E PARADA
DE TIBÃES

Localização:
Rua Monte da Forca

GPS:
Latitude 41.581060
Longitude -8.466429



Torre de Vigia, José Pedro Santos, São Paio de Merelim, 2020.

Acho que acrescenta. Tudo o que seja progresso a gente está sempre a favor. Desde que não fira a paisagem.

Glória Baptista, reformada, 65 anos

8

É Braga, Canudo!

Autoria:
José Pedro Santos



“Usei tubos de canalização, de PVC, que existiam em grande quantidade nos estaleiros da câmara. A associação que fiz foi: estes tubos transportaram a água, que é um bem precioso, quando este lavadouro surgiu, na altura”, repete o argumento o autor, José Pedro Santos, relativamente ao material, que usou também na obra *Torre de Vigia*. “Neste caso, pretendi cruzar com o tema da representatividade de Braga como um todo, uma vez que esta é, das oito obras, a que está mais próxima do centro da cidade. Diria até que é a mais urbana, a mais envolvida na malha urbana. As outras já estão um bocadinho mais afastadas.” O posto de transformação (PT) da E-Redes intervencionado encontra-se ao lado de

um lavadouro público, que tem, numa das extremidades, uma pequena fonte. Além da placa a indicar o ano em que foi ali construído, 1951, há uma outra a indicar que a água é “controlada”, ou seja, pode beber-se. Está sempre muito fresca.

A intervenção artística de José Pedro Santos feita no PT ao lado do lavadouro integra o recorte paisagístico que forma um pequeno parque de merendas. O PT e o lavadouro estão ladeados por relva e há duas mesas e bancos em pedra mesmo em frente, para piqueniques. Este largo da Fonte Nova foi objeto de uma requalificação em 2010. De quem vem do lado norte da Estrada Nacional 205-4, a Rua da Formigueira, depara-se com o pequeno largo à direita, junto ao entroncamento com a Rua de São Gonçalo. E o recorte formado pelos diferentes tubos colocados na parede do PT sobressai à vista. Se olharmos para o mapa com a delimitação do concelho de Braga, é igual ao recorte de tubos da parede. Cada tubo representa uma freguesia.

“Este foi um ponto de interesse que me levou a fazer uma homenagem à cidade e ao concelho, a fazer uma instalação que fosse simbólica e representativa do concelho de Braga. A partir daí, olhando para o mapa das freguesias de Braga, fiz quase que uma estilização desse mapa, usando cada

tubo de PVC, cada símbolo, para materializar cada uma das 37 freguesias do concelho”, continua José Pedro Santos.

Os diâmetros dos tubos variam e têm diferentes cores, à semelhança das densidades populacionais ou até das áreas geográficas de cada freguesia. Dos azuis-escuros e claros e dos verdes, sobressai um tubo, mais fino, em tom alaranjado. Na parede lateral, como que a dar acompanhamento ao mapa-mosaico da parede da frente, existem dois tubos, com os diâmetros colocados na parede não de frente mas de lado. Estão junto à aresta entre as duas paredes, espreitam e compõem o ramallete dos tubos da frente.

Já o título, *É Braga, Canudo!*, reportará também à Universidade do Minho, cujo *campus* está situado precisamente na Rua da Universidade, na cidade de Braga. Fundada no ano anterior ao 25 de Abril, esta universidade iniciou as atividades académicas no ano letivo de 1975/76.



É Braga, Canudo!, José Pedro Santos, Parada de Tibães, 2021.

FREGUESIA:
MERELIM (SÃO PAIO)
PANOIAS E PARADA
DE TIBÃES

Localização:
Rua da
Formigueira

GPS:
Latitude 41.559517
Longitude -8.458118



Tudo o que for investimento na freguesia é bem-vindo.
Manuel Monteiro, reformado, 68 anos.



P 36: *É Braga, Canuda!* (pormenor) | José Pedro Santos, São Parada de Tibães, 2021. – P 37: *Safar!* (execução) | J. P. Santos e C. Batista, D. Bessa, F. Sá e J. Costa com Alunos da Escola Básica de Crespos, Crespos e Pousada, 2019.
Pp 38 e 39: *Torre de Vigia* (execução) | José Pedro Santos, São Paio de Merelim, 2020.





Arte Pública fundação edp

Roteiro MINHO
Projeto ENERGIZARTE

Curadoria Arte Pública fundação edp:
João Pinharanda

Coordenação Arte Pública fundação edp:
Sandra Santos e Matilde Braga

Comunicação Arte Pública fundação edp:
Elisabete Sá

Textos:
Cláudia Marques Santos

Fotografia:
Rute Ferraz

Conceção gráfica:
Cláudia Baeta e Paula Dona

Revisão de texto:
Joana Ambulate

Edição:
fundação edp
Lisboa, maio de 2022

Impressão e acabamento:
Indústria Portuguesa
de Tipografia, Lisboa

Parceiro:



Com o apoio:



Agradecimentos:

Às Juntas de Freguesia e Uniões de Freguesia que participaram no projeto: Junta de freguesia de Palmeira; Junta de Freguesia de Padim da Graça; União de Freguesias de Crespos e Pousada; União de freguesias Merelim (S. Paio), Panoias e Parada de Tibães.

Ao Agrupamento de escolas Sá de Miranda.

Ao Grupo Itineris, à Associação Bracara Augusta e ao Agrupamento de escuteiros de Crespos.

A toda a comunidade participante nas assembleias locais e a todos os que colaboraram com os artistas.

A todos os técnicos da E-Redes que apoiaram a concretização das intervenções artísticas e garantiram a segurança dos artistas.



“Com este programa, a fundação edp contribui para levar a comunidades rurais um maior contacto com a arte, provocando, simultaneamente, uma reflexão sobre a sua função na nossa sociedade. Tem, ainda, outro mérito: o de conciliar no mesmo programa as duas principais áreas de intervenção da fundação, onde tem um percurso reconhecido e consistente: a inovação social e a cultura. Este é um projeto que mobiliza artistas e comunidades rurais num diálogo inovador que resultará num roteiro inesperado de arte pública e num motivo de orgulho para todas as partes envolvidas.”

Miguel Coutinho

Diretor-geral e administrador executivo da fundação edp

Minho

Braga
Crespos e Pousada
Padim da Graça
Merelim (São Paio)
Panoias
e Parada de Tibães
Palmeira

Ribatejo

Rio Maior
Vila da Marmeleira
Assentiz
São João da Ribeira
Ribeira de São João

Alto Alentejo

Campo Maior
Degolados
Ouguela

Trás-os-Montes

Alfândega da Fé
Torre de Moncorvo
Miranda do Douro
Mogadouro

Médio Tejo

Vila Nova da Barquinha
Atalaia
Praia do Ribatejo
Tancos

Algarve

Vila do Bispo
Barão de São João
Mexilhoeira Grande
Figueira
S. Bartolomeu de Messines
Alte
Alportel

